



Freud e os limites da filosofia da consciência

Adilson Grego Junior

Resumo

Por meio do exame da noção de inconsciente, elaborada pelo médico vienense Sigmund Freud, podemos notar uma ruptura com o discurso sobre o psiquismo proferido pelos médicos e psicólogos do período. Freud, em contraposição ao discurso da consciência de sua época, compreende que o psiquismo humano não opera apenas no nível da consciência, mas que há também uma outra instância psíquica independente da consciência trabalhando com mecanismos próprios de funcionamento.

Palavras-chave:

Freud, inconsciente, psicanálise.

Introdução

Freud, no decorrer de sua trajetória, foi levado a reconhecer certas limitações teóricas e terapêuticas nos discursos da medicina e da psicologia da época. Tais discursos, que concebiam o psiquismo humano exclusivamente voltado ao âmbito da consciência, fundamentavam-se na filosofia do cogito cartesiano, onde o psiquismo humano encontrava-se integralmente atrelado ao registro da consciência. Ao perceber a insuficiência das terapêuticas pautadas no discurso da consciência, Freud, através de minucioso estudo da sintomatologia de suas pacientes, desenvolve a noção de *inconsciente*. Desse modo, nosso trabalho consistirá fundamentalmente em verificar de que modo Freud percebe as limitações do discurso da consciência, como isso o leva a formular a noção de inconsciente e de que maneira esse novo psiquismo elaborado por Freud pode representar uma desconstrução dos pilares da filosofia da consciência.

Resultados e Discussão

Freud, influenciado pelo dispositivo teórico de Jean-Martin Charcot, Hyppolyte Bernheim e Josef Breuer, com a finalidade de encontrar tratamentos terapêuticos mais satisfatórios para suas pacientes, através do estudo sistemático da sintomatologia destas, percebe que há diversos acontecimentos que não ocorrem de forma consciente, mas apenas sob o lusco-fusco do estado hipnóide. Tal evento leva o médico vienense a buscar as causas das patologias mentais fora da visão anatomo-clínica estabelecida pela medicina da época e também, posteriormente, fora do discurso da consciência, isto é, dos estritos registros da consciência que era compreendida como absoluta no psiquismo humano. O estabelecimento da noção de inconsciente vem para dissolver a questão desses dois paradigmas e nos trazer algo inaudito.

Embora a ideia de um psiquismo inconsciente já tenha sido trabalhada por diversos autores em vários períodos – até mesmo muito anteriores a Freud – o que a psicanálise freudiana nos traz de insólito é o estabelecimento do inconsciente enquanto um sistema psíquico, isto é, um composto do aparelho psíquico completamente independente da consciência, que opera através de mecanismos singulares. Em vista disso, ao tratar da temática do inconsciente, temos que ter em

mente que tal noção pode ser compreendida de dois modos distintos, a saber, de modo adjetivo ou descritivo e de modo sistemático ou tópico. Ao tratarmos do inconsciente da primeira maneira, compreendemos tudo aquilo que não é consciente, que não está em foco na consciência, no entanto, de modo algum isso designa o inconsciente como um sistema psíquico autônomo que opera com seus próprios mecanismos de funcionamento, tal como descreve a vertente sistemática.

Conclusões

Freud, através do estabelecimento da noção de inconsciente – compreendida em sua vertente sistemática – parece realmente subverter os saberes sobre o psiquismo humano estabelecidos até então.

Agradecimentos

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
PIBIC – CNPq.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana 3: Narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente (1914 – 1917)* – 7ª ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001. Edição Comemorativa 100 anos. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira.